

IMAGEM E DISCURSO. UMA ENUNCIÇÃO MATERIAL VISUAL

IMAGE ET DISCOURS. UNE ÉNONCIATION MATÉRIELLE VISUELLE

IMAGE AND DISCOURSE. A VISUAL MATERIAL ENUNCIATION

Julia Lourenço Costa*

Universidade Federal de São Carlos

Marie-Anne Paveau**

Université Sorbonne Paris Nord

RESUMO: Os progressivos e importantes modos de integração, constituição e circulação do discurso visual na comunicação, sobretudo, contemporaneamente, naquilo que diversos campos científicos entendem como discurso digital, têm demandado a atualização das propostas teóricas e metodológicas das ciências da linguagem em relação a esses dinâmicos objetos. Neste número temático são apresentadas possíveis contribuições a esse debate interdisciplinar e necessário, que, tanto no Brasil quanto na França, destacam a presença da imagem no cerne das teorias do discurso e a imprescindibilidade da reflexão, análise e compreensão de seus modos específicos de significação.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. Discurso. Iconização. Enunciação material. Discurso digital.

RÉSUMÉ: Les modalités progressives et importantes d'intégration, de constitution et de circulation du discours visuel dans la communication, en particulier, de manière contemporaine, dans ce que plusieurs domaines scientifiques entendent par discours numérique, ont exigé la mise à jour des propositions théoriques et méthodologiques des sciences du langage par rapport à ces objets dynamiques. Ce numéro thématique présente les contributions possibles à ce débat interdisciplinaire et nécessaire, qui, tant au Brésil qu'en France, mettent en évidence l'urgence de l'image au cœur des théories du discours et le caractère indispensable de la réflexion, de l'analyse et de la compréhension de leurs modes de signification spécifiques.

MOTS CLÉS: Image. Discours. Iconisation. Énonciation matérielle. Discours numérique.

* Pós-doutoranda da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP 2017/12792-0) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar - Brasil). E-mail: julialourenco@alumni.usp.br

** Professora das ciências da linguagem na Université de Sorbonne Paris Nord, onde desenvolve uma teoria do discurso que integra os ambientes de ordem tecnológica, corporal, animal e vegetal na produção dos discursos de uma perspectiva pós-dualista e ecológica. Entre outros, ela é autora dos livros *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição* ([2006] 2013), *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas* ([2013] 2015) e *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas* ([2017] 2021). E-mail: ma.paveau@orange.fr

ABSTRACT: The progressive and important ways of integration, constitution and circulation of visual discourse in communication, especially, contemporarily, in what several scientific fields understand as digital discourse, have demanded the updating of theoretical and methodological proposals of the language sciences in relation to these dynamic objects. This thematic edition presents possible contributions to this interdisciplinary and necessary debate, which, both in Brazil and in France, highlight the urgency of the image at the core of discourse theories and the indispensability of reflection, analysis and understanding of its specific modes of signification.

KEYWORDS: Image. Discourse. Iconization. Material enunciation. Digital discourse.

1 A IMAGEM, UMA QUESTÃO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO?

"Uma imagem vale mais que mil palavras"¹. Em alinhamento com a sabedoria popular, as imagens não se constituíram enquanto um objeto natural para a linguística, que está historicamente habituada a lidar, sobretudo, com segmentos verbais, ainda que sejam híbridos. No entanto, alguns/mas pesquisadores/as, marcadamente aqueles/as das teorias do texto e do discurso, vêm progressivamente integrando a imagem, isto é, o discurso na sua dimensão visual, nas suas reflexões, propondo teorias e métodos próprios para pensá-la.

No campo europeu, a relação entre texto e imagem tem sido objeto de variadas teorizações desde os anos 1990, incluindo uma do romancista alemão Michael Nerlich, que propõe a noção de iconotexto. Segundo ele, existe um iconotexto quando há uma combinação e copresença de texto e imagem, como é o caso nas histórias em quadrinhos, o álbum e o cinema. A noção de iconotexto, que no entanto permanece situada na ordem do livro impresso, é definida como "uma unidade indissolúvel de texto(s) e imagem(ns), na qual nem o texto nem a imagem têm uma função ilustrativa e – normalmente, mas não necessariamente – sob a forma de um 'livro'" (NERLICH, 1990). Seguindo-o, Bernard Vouilloux, especialista francês em literatura e artes visuais, esclarece que a relação entre imagem e texto envolve a hibridização de dois códigos semióticos que, no entanto, permanecem distintos; fala de "coimplicação" de códigos (VOUILLOUX, 2013). Para estes dois autores, que trabalham bastante com a literatura, a relação texto-imagem existe, contudo, dentro de um quadro dualista, o que significa que as duas categorias semióticas de imagem e palavra mantêm sua autonomia. No campo da linguística, e mais especificamente na análise do discurso, quase não há trabalho, pelo menos no campo francês, que considere uma combinação estreita e indissolúvel entre discurso e imagem, sem dissociar as duas ordens semióticas.

A abordagem do discurso visual também foi desenvolvida no Brasil a partir de várias perspectivas teóricas e metodológicas. O trabalho em semiótica discursiva, por exemplo, procura abordar o plano de expressão da linguagem, especialmente em três direções: a expressão de textos não verbais, que no desenvolvimento da teoria não estava presente; o sincretismo entre o visual, o verbal, o audiovisual, o gestual, etc., e o semissimbolismo, ou seja, a relação entre a expressão e o conteúdo, centrando a atenção, por exemplo, no estereótipo cultural dos discursos (BARROS, 2012, p. 63). Segundo a síntese de Diana Barros, "[...] as preocupações estéticas sempre marcaram igualmente a semiótica nos países sul-americanos, seja em relação ao literário, seja quanto à questões estéticas da comunicação e das artes em geral" (BARROS, 2012, p. 163-164).

Podemos mencionar, pontualmente, as reflexões empreendidas por Antônio Pietroforte e Lucia Teixeira, o primeiro tratando principalmente da análise da fotografia e do semissimbolismo na poesia concreta brasileira e a segunda, se dedicando ao estudo do discurso visual, inclusive na internet. Pietroforte (2017), Teixeira (2008) e Teixeira e Carmo Jr. (2013) convergem quando defendem que o plano de expressão não é apenas condutor de certos conteúdos, mas é dotado de um significado, que se materializa na articulação entre uma forma de expressão e uma forma de conteúdo. Neste sentido, Teixeira afirma que "[...] ler o texto visual é sempre considerar que o conteúdo se submete às coerções do material plástico e que essa materialidade também significa" (TEIXEIRA, 2008, p. 3).

¹ Quando Confúcio sugere que "uma imagem vale mais que mil palavras", este está se referindo ao uso dos ideogramas, tidos como formas de comunicação simbólicas que, quando unidos, formavam imagens que expressavam muito mais do que palavras, mas também conceitos completos e complexos <significados.com.br>. A concorrência - e coocorrência - entre discurso verbal e visual tem, portanto, uma longa história...

A semiótica desempenha um papel proeminente na abordagem do discurso visual no Brasil e notamos mais contemporaneamente um diálogo entre a semiótica, a linguística e a comunicação, que problematiza a linguagem das novas mídias como espaço de relação entre o corpo humano e os "efeitos, encantos e tentações da máquina" (TEIXEIRA; CARMO Jr., 2013, p. 7). Assim, a semiótica, que também se preocupa com as linguagens conectadas, também é relevante na medida em que procura compreender que,

[...] embora o código do sistema computacional não tenha deixado de ser uma variante da linguagem verbal, as interfaces de usuário foram concebidas desde o princípio como sistemas multimodais ou semióticas sincréticas, ou seja, aquelas que se utilizam de várias linguagens de manifestação para construir uma unidade de sentido. (TEIXEIRA; CARMO Jr., 2013, p. 8)

Por outro lado, da perspectiva da análise do discurso no Brasil, Suzy Lagazzi propôs em suas pesquisas uma intersecção entre técnica e política para pensar a composição visual relacionada à conteúdos sociais. A partir da análise da composição das fotografias, ela procura compreender os significados que escapam ao enquadramento da imagem e invadem o sujeito e o mundo, a partir do equívoco como lugar de poética. O clique na sua relação com as metáforas sociais, de acordo com a pesquisadora, determina as diferentes possibilidades de realização do sentido, e pode provocar uma aproximação ou uma distância, o que determina "a resistência como constitutiva do simbólico" (LAGAZZI, 2020, p. 92). O objetivo, finalmente, é analisar o político ao nível do sensível, sugerindo a possibilidade de compreender "a imagem como uma tecnologia política de linguagem que afeta o sujeito em seus trajetos" (LAGAZZI, 2020, p. 101).

Suzy Lagazzi toma como ponto central a formulação visual que se desenvolve no intradiscurso, permitindo mobilizar as proposições de Pêcheux (1990) nas diferentes materialidades significantes, para que seja possível uma perspectiva materialista da leitura, baseada nos princípios e procedimentos da disciplina (ORLANDI, 1999). O assujeitamento que exige um percurso histórico marcado por contradições, é definido também pelo significante e, portanto, segundo a pesquisadora, é importante "deixar que os incômodos [...] abram espaço para que a resistência se produza na imprevisibilidade de um efeito de ressonância que faça o sujeito vacilar, tropeçar, estranhar, algo que tome a dimensão da 'repetição histórica' – nos termos de Orlandi (1996, p. 70)" (LAGAZZI, 2019).

Também nesta perspectiva teórica, Mónica Zoppi-Fontana propõe uma reflexão sobre a argumentação no discurso digital a partir da análise de memes, por exemplo. Segundo ela, uma das características deste discurso, que entrelaça diferentes materialidades significantes (imagem estática ou animada, escrita e som), é a produção dos efeitos de sentido derivados do processo de repetição. A partir da replicação, então, "eles [os sentidos] se espalham e transbordam, e é através deste gesto que o meme se altera, e se ressignifica" (ZOPPI-FONTANA, 2016, p. 7). Esta compreensão do discurso digital é particularmente interessante, pois sublinha tanto a composição sincrética destes discursos como a imprevisibilidade que os caracteriza.

Finalmente, relativamente à dimensão verbo-visual de um enunciado, Beth Brait (2013) tece igualmente importantes reflexões, procurando compreender, em linhas gerais, como se estabelece a relação entre o verbal e o visual, apagando a dicotomia na sua rigidez clássica de modo a que as palavras e as formas pictóricas componham um todo de sentido, participando na mesma sintaxe. A autora afirma que Bakhtin (2003) e o Círculo "[...] constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, oral ou escrita" (BRAIT, 2013, p. 44), sendo na realidade, uma teoria ampla, que também considera o visual e o verbo-visual nos seu escopo de leitura e interpretação. A perspectiva de Bakhtin está, segundo Brait, integrada no estudo da cultura visual apresentando-se também numa perspectiva semiótica-ideológica da linguagem, porque procura compreender também "estética como maneira como o ser humano dá forma à sua experiência; como percebe um objeto, ou como percebe outra pessoa" (BRAIT, 2013, p. 48). Atenta às limitações do gênero discursivo na articulação da dimensão verbal e visual, Brait assinala que cada gênero domina aspectos da realidade de diferentes maneiras, determinando o ponto de vista, que também é visual, em relação ao referente.

2 A IMAGEM DIGITAL

A relação entre o verbal e o visual impõe, por conseguinte, vários desafios às ciências da linguagem, e, no que diz respeito especificamente à abordagem da imagem digital, a perspectiva do sincretismo semiótico torna-se ainda mais incontornável. Entre

texto, imagem fixa, imagem em movimento, som e código, o discurso digital revela a sua natureza compósita, ou seja, "uma matéria mista na qual se relacionam indissociavelmente o linguageiro e o técnico de natureza informática" (PAVEAU, 2017, p. 28).

A afirmação de que "a produção linguageira *na* máquina é na verdade uma produção *da* máquina" (PAVEAU, 2017, p. 13) interfere diretamente na abordagem das ciências da linguagem e nos modos como o discurso digital é compreendido e analisado. Embora formatadas por seres humanos, as máquinas (interfaces diversas: programas, websites, redes sociais, aplicativos, etc.) determinam modos de interação e produção linguística. Na mesma direção argumentativa, a pesquisadora afirma que "[...] o corpo, a máquina, as competências linguageiras e os textos produzidos pelo internauta são integrados em um dispositivo comum, que se baseia em uma materialidade única, porém compósita" (PAVEAU, 2017, p. 132).

Esta "materialidade única" refere-se ao hibridismo das linguagens na internet, lugar da multimídia, que atua para misturar as fronteiras entre os códigos. Santaella (2014) destaca também o fato de a mistura de linguagens no digital² tem sido pouco trabalhada e chama a atenção ao fato de que o mundo digital se manifesta entre o verbal, o visual e o sonoro, afirmando que

[...] o ciberespaço se apropria e mistura, sem nenhum limite, todas as linguagens pré-existentes: a narrativa textual, a enciclopédia, os quadrinhos, os desenhos animados, o teatro, o filme, a dança, a arquitetura, o design urbano etc. Nessa malha híbrida de linguagens, nasce algo novo que, sem perder o vínculo com o passado, emerge com uma identidade própria: a multimídia, esta que é responsável pelo que este artigo está propondo sob o conceito de gêneros discursivos híbridos, o que implica conceber a discursividade como necessariamente multimidiática. (SANTAELLA, 2014, p. 212-213)

Este hibridismo é observado tanto na composição do discurso digital como nos meios pelos quais ele é produzido. O primeiro gesto híbrido ocorre na própria produção de formas discursivas que deriva da relação imbricada entre o humano e a máquina, da qual advém o conceito de tecnodiscursividade, que compreende que "os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, que as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras", sublinhando a necessidade de reconhecer "o papel dos agentes não humanos nas produções linguageiras" (PAVEAU, 2017, p. 11).

O segundo gesto híbrido, que pode ser compreendido nas práticas do discurso digital, é o fato de que ele se desdobra nas fronteiras da plurissemiótica desencadeada pela ativação de variadas línguas, mobilizadas de modo inseparável. No que concerne o digital, a relação entre máquina e linguagem é também pensada na relação entre um elemento interno (o código) e um elemento externo (a tela). De acordo com Fontanille, os dois modos de existência do arquivo digital devem ser reexaminados, pois

[...] não existe de um lado um suporte de material eletrônico e, de outro, um suporte formal visual, mas dois objetos de escrita diferentes e completos. De um lado, temos o modo de existência "interno" e imperceptível que inclui tanto um suporte material (físico e eletrônico) quanto um suporte formal (código de programação) que gerencia as regras de inscrição e de interpretações de sinais do computador; de outro lado, o modo de existência "externo" e perceptível na interface gráfica, que comporta tanto um suporte material (uma tela, e uma tecnologia de inscrição luminosa) e um suporte formal (aquele da "página-tela"). (FONTANILLE, 2005, p. 8)

As imagens digitais, neste espectro de hibridismo, de plurissemiotividade, e do multimídia, "são realizadas em um mesmo suporte material, ou seja, uma tela que exhibe uma trama de pixels" (DONDERO, 2019, p. 175). A relação entre as partes e o conjunto da composição colorem cada ponto de acordo com o seu lugar no campo visual da imagem digital. Neste contexto, Couchot afirma que o pixel é "a expressão visual, materializada na tela, de um cálculo efetuado pelo computador, conforme as instruções de um programa", isto é, "se alguma coisa preexiste ao pixel e à imagem, é o programa, isto é, linguagem e números, e não mais o real" (COUCHOT, 1993, p. 42).

Dessa maneira, assistimos a evolução das narratividades no digital movendo-se cada vez mais para a imagem como elemento central, seja com emojis, gifs, fotos, incrustações textuais em fundos visualmente elaborados, os diversos ícones nas redes sociais, etc.: a

² Aqui esta marcação faz diferença pois o sincretismo preexiste ao digital, mas nele se eleva ao grau máximo com características específicas.

imagem se impõe como elemento central do ambiente digital. Mitchell (2009 [1986]), ao propor a ideia de uma "virada visual", mostra que a imagem e o texto ainda são, em certa medida, pensados separadamente, enfatizando ainda o domínio da imagem sobre a linguagem articulada.

Podemos afirmar, portanto, que a visualidade é o que caracteriza o digital. Quando escrevemos no programa Word, por exemplo, linhas vermelhas se desenham abaixo dos erros de digitação, bem como setas indicando o espaçamento dos parágrafos, ou a linha horizontal no final de cada letra digitada, que num gesto intermitente avisa a espera do ponto final. Tudo isto faz parte da visualidade no discurso digital, e mesmo que num programa textual, a visualidade se impõe.

Neste sentido, existe uma nova configuração de texto, que é "iconizado de diferentes maneiras, porque é composto, no sentido quase tipográfico do termo, com a imagem (memes, gifs, figurinhas, etc.) ou porque ele próprio é uma imagem (captura de tela, fotografia do texto)" (PAVEAU, 2020, §22). Na abordagem do discurso digital, a noção de suporte é, no entanto, descartada uma vez que retoma a ideia de uma evolução do discurso desde o papel até o discurso nativo da internet. Não há separação entre a ordem material e a ordem linguística, mas sim uma imbricação total entre as duas.

Para além dos programadores e das próprias interfaces, os/as usuários/as também acumulam funções específicas, que os/as fazem participar, até certo ponto, numa produção colaborativa e contínua do que é dado. O conceito de *produso* permite apagar a fronteira entre produtor e usuário, uma vez que "o internauta [...] e se torna um agente híbrido, um 'produzúrio'. O *produso* permite a invenção de novos usos, e, ao mesmo tempo, uma melhora contínua dos conteúdos existentes, a partir das afordâncias técnicas da web" (PAVEAU, 2017, 262).

A mobilização das imagens digitais, neste contexto, tem uma função de acompanhamento discursivo: clicar em ícones específicos, ter uma conta na rede social com uma foto de capa e uma foto de perfil, interagir enviando figurinhas ou emojis, utilizar filtros em aplicativos de edição de imagens, gestos de levantar a mão, gostar, bater palmas disponibilizados como formas de interação, etc. Mas as imagens também podem tomar o lugar do discurso, desviadas para fins conversacionais: fotos de páginas de livros no lugar das citações, uso de emojis de vegetais como representação sexual, envio de fotos de lugares para orientar os percursos das pessoas, modificação de imagens existentes para elaborar memes.

3 APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Este dossiê deriva parcialmente de um seminário sobre imagens digitais³, realizado em abril de 2019 na Université Sorbonne Paris Nord-Paris 13, como parte do grupo de pesquisa Pléiade. Nesta ocasião, apesar das diferenças nos objetos analisados, os/as pesquisadores/as convergiram no objetivo comum de pensar sobre o funcionamento do discurso visual no ambiente digital, uma vez que

[...] na internet, numerosos elementos visuais testemunham de fato essa dominação da imagem sobre a linguagem, e podemos falar de uma enunciação material visual: material porque ela passa pela elaboração programável dos tecnografismos, e visual porque a imagem é predominante em relação ao texto, ao menos pelo formato de circulação (.jpg, .tiff ou qualquer outro formato de imagem). (PAVEAU, 2017, p. 309)

Uma parte dos artigos provém deste seminário, mas o dossiê foi aberto a outros trabalhos que enriquecem a reflexão sobre o discurso das imagens e concretizam outras perspectivas na teoria do discurso, o que alarga o questionamento ao problema mais geral da relação entre a ordem da palavra e a do ícone, entre a ordem do discurso e a da imagem.

³ Agradecemos Léo Muelle, doutorando em análise do discurso digital na Université Sorbonne Paris Nord-Paris 13, que coordenou este seminário. Na ocasião participaram do *Seminário*: Léo Muelle (Université Paris XIII), Luciana Alcântara (Université Le Havre), Djilé Donald (Université de Bouaké, Costa do Marfim, et Université Paris 13), Natalia Pimonova (Université Paris 13), Julia Lourenço (UFSCar/FAPESP) e a coordenadora destas pesquisas, Marie-Anne Paveau (Université Paris 13).

Cinco artigos abordam as imagens digitais, em particular sobre redes sociais, cobrindo uma vasta gama das principais formas que circulam neste ambiente: fotografias, claro, mas também capturas de tela, memes e gifs. Julia Lourenço (UFSCar/FAPESP) e Eduardo Glück (Unisinos) abrem este dossiê trazendo diferentes pontos de vista na teoria do discurso sobre a imagem digital tal como é utilizada nos discursos de divulgação científica on-line; Céline Largié-Vié (Université Sorbonne Nouvelle), olhando para o funcionamento da rede Instagram, analisa a relação entre o verbal e o visual nas publicações de usuários/as em torno do tema da anorexia; Donald Djilé (Université de Bouaké na Costa do Marfim e Sorbonne Paris Nord) examina os usos e os funcionamentos das capturas de tela em trabalhos sobre produções discursivas nativas on-line; Marie-Anne Paveau (Université Sorbonne Paris Nord) opta por questionar a integração sintática e enunciativa do gif em tuítes, onde a ordem verbal e icônica são articuladas num elemento composto; finalmente, Mariana Luz Pessoa de Barros (UFSCar) explora a tensão entre a replicação e a invenção relacionada com as práticas de produção, leitura e partilha de memes na internet.

Abrindo a perspectiva, os três artigos seguintes dissertam sobre a imagem em movimento no curta-metragem e no videoclipe, e a imagem estática representada por caricaturas. Natalia Pimonova (Université Sorbonne Paris Nord), situando seu trabalho num ambiente misto onde o digital constitui um meio de difusão, propõe uma reflexão sobre a iconização do discurso musical como percepção audiovisual da música em vídeos de músicas de *popular music*; Suzy Lagazzi (Unicamp), aprofunda aqui o seu trabalho sobre a imagem cinematográfica e em particular a concepção da imagem como tecnologia política da linguagem, tratando o poder de captar o olhar que mobiliza o sujeito num curta-metragem; finalmente, Samuel Ponsoni (UEMG), trabalhando num corpus de caricaturas do ex-presidente Michel Temer, propõe uma análise do escárnio nas montagens verbo-visuais e a sua relação intrínseca com a política.

O conjunto dos trabalhos aqui apresentados procura questionar o uso cada vez mais importante da imagem, especialmente em universos conectados, tentando refletir sobre a relação entre a imagem topograficamente distribuída e a escrita linear, e de discorrer sobre se uma se sobrepõe à outra ou se a imagem e o texto formam um todo. A questão, que vai para além da especificidade dos contextos digitais, impressos ou cinematográficos, é mais geral, isto é a do equilíbrio de poder entre duas semioses: a onnipresença das imagens nas nossas produções discursivas testemunha uma textualização ou discursivização da imagem ou uma iconização do texto? A imagem torna-se um discurso, ou o discurso torna-se uma imagem? Em suma, parece que podemos identificar uma tendência para a predominância da imagem como portadora do sentido, ainda que esta posição seja debatida dentro desta própria questão. A reversibilidade irrestrita da visão na tela, ou seja, "[...] a possibilidade de ir e voltar sobre a imagem [...] faz com que tenhamos passado de uma lógica de consecução linear para uma lógica de coexistência, de correspondência e de interconexão reticular" (TEIXEIRA, 2013, p. 25). Esta reticularidade provoca uma certa aceleração da experiência do sujeito com a imagem, que também funciona de acordo com a lógica da hipertextualidade.

No início do texto assinalamos a "virada visual" (MITCHELL, 2009 [1986]); esta que problematiza nas ciências da linguagem precisamente a capacidade dos/as pesquisadores/as para mobilizar o conhecimento fundador da disciplina linguística no necessário diálogo e abertura das teorias entre si e com as ciências da informação e da comunicação, a história da fotografia, os estudos de design, a publicidade, etc. A conversão digital das nossas atividades discursivas, especialmente na web social, expandiu o uso da imagem para além da simples ilustração, tornando-se uma verdadeiro portadora de sentido: é possível levantar a hipótese de que agora é a imagem que impulsiona principalmente o sentido e já não somente as formas verbais. A importância crescente da imagem em todos os espaços de comunicação escrita da web, especialmente nas redes sociais, parece caracterizar os discursos digitais nativos como um lugar onde se efetua uma ampla evolução semiótica: vemos a emergência de uma *enunciação material visual* que se assenta numa iconização dos discursos, nos três níveis da sua forma, da sua representação e do seu enunciação.

Mas as reflexões sobre filmes, vídeos e caricaturas neste dossiê mostram-nos que esta tendência não se limita ao mundo digital e que as imagens têm "falado" desde sempre. Este fenómeno tem fortes implicações para a linguística, que já não pode permanecer logocentrada, mas deve considerar a evolução das formas híbridas de expressão que são elaboradas nos universos de significação contemporâneos. O objetivo deste dossiê é fornecer pistas, hipóteses e exemplos para refletir sobre as implicações linguísticas deste processo, mas também, mais amplamente, alargar os debates sobre a natureza dos objetos de análise do discurso, debates que seguem tanto as evoluções das formas de discurso como as das teorias linguísticas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P. A semiótica no Brasil e na América do Sul: rumos, papéis e desvios. *Revista de estudos da linguagem*, v. 20, n.1, p. 148-186, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2577> Acesso em: 6 jul. 2021.
- BRAIT, B. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n.2, 43-66, jul./dez. 2013. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568> Acesso em: 6 jul. 2021.
- COUCHOT, E. Da representação à simulação: evolução das técnicas e das artes da figuração. In: PARENTE, A. (org.). *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993. p. 37-48. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/documentos/textos/cultura_digital/couchot/couchot.htm Acesso em: 15 jan. 2021.
- DONDERO, M. G; REYES-GARCIA, E. Os suportes da imagem na fotografia digital. *Revista do GEL*, v. 16, n. 2, p. 163-190, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2788/1646> Acesso em: 23 jan. 2021.
- FONTANILLE, J. Écritures: du support matériel au support formel. In: KLOCK-FONTANILLE, I. ; ARABYAN, M. (org.). *Les écritures entre support et surface*. Paris: L'Harmattan, 2005. Disponível em: http://www.unilim.fr/pages_perso/jacques.fontanille/articles_pdf/visuel/Ecritsupportconclusion.pdf Acesso em: 23 jan. 2021.
- LAGAZZI, S. Resistência Simbólica. In: MARIANI, B. (coord.). *Enciclopédia Virtual de Análise do Discurso e áreas afins (Encidis)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/I8xWY2wjiD0> Acesso em: 15 jun. 2021.
- LAGAZZI, S. A imagem como uma tecnologia política: o social sempre em questão. In: FARIA, J. P. de; SANTANA, J. C.; NOGUEIRA, L. (org.). *Linguagem, arte e o político*. Campinas: Pontes, 2020. p. 91-102.
- MITCHELL, W. J. Thomas. *Iconology: Image, Text, Ideology*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009 [1986].
- NERLICH, M. Qu'est-ce qu'un iconotexte? Réflexions sur le rapport texte-image photographique dans *La Femme se découvre* d'Evelyne Sinnassamy. In: MONTANDON, A. (éd.). *Iconotextes*, Paris: Ophrys, 1990. p. 255-302.
- ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 1999.
- PAVEAU, M.-A. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann, 2017. Trad. brasileira: Julia Lourenço e Roberto Baronas (org.). *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- PAVEAU, M.-A ; MAYEUR, I. (dir.). Textuel, textiel. Repenser la textualité numérique. *Corela: cognition, représentation, langage*. HS-33, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/corela.11734> Acesso em: 5 jun. 2021.
- PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 19, jul./dez. p. 7-24, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636823> Acesso em: 6 maio 2021.
- PIETROFORTE, A. V. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, n.2, p.206-216, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19516/15611> Acesso: 24 mai. 2021.

TEIXEIRA, L. Para uma leitura de textos visuais. In: BASTOS, N. B. *Língua Portuguesa: Lusofonia - Memória e Diversidade cultural*. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 2008.

TEIXEIRA, L. Museus on-line: novas práticas de visita. In: TEIXEIRA, L.; CARMO Jr., J. R. *Linguagens na Cibercultura*. Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores, 2013.

VOUILLOUX, B. Lire, voir. La co-implication du verbal et du visuel. *Textimage*, Varia 3, 2013. Disponível em: http://www.revue-textimage.com/07_varia_3/vouilloux6.html Accès: 07 nov. 2020. Acesso em: 07 nov. 2020.

ZOPPI-FONTANA, M G. Argu(meme)ntando. Argumentação, discurso digital e modos de dizer. [Apresentação em Power point]. In: *Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDiAr)*, 3. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: [http://octeventos.com/site/sediar/download/argu\(meme\)ntando.pdf](http://octeventos.com/site/sediar/download/argu(meme)ntando.pdf) Acesso em : 17 maio 2021.



Recebido em 09/06/2021. Aceito em 06/07/2021.